

## PRÁTICA MUSICAL COLETIVA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE MUSICOTERAPIA EM GRUPO

Fernanda Soares Pasqual<sup>1</sup>

Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha<sup>2</sup>

**Resumo:** A prática musical coletiva, por ser uma ação humana, pode revelar formas de relacionamento que os participantes estabelecem com a realidade social e cultural de seu entorno. Em um contexto musicoterapêutico, essas informações são fundamentais para o desenvolvimento de processos de reabilitação social, cognitiva e emocional. Neste trabalho apresentamos uma revisão sistemática que buscou conhecer, em bases de dados e outras fontes, detalhes das publicações sobre a musicoterapia em grupo nos últimos dez anos. Foram selecionados 16 artigos cujos dados foram sistematizados em um quadro. Os resultados mostraram que as relações de grupo, trocas afetivas, dinâmicas grupais, aspectos sonoros e musicais, e a eficácia de práticas multidisciplinares foram temáticas das publicações. A prática musical coletiva em grupos musicoterapêuticos foi considerada benéfica para aspectos físicos, cognitivos, emocionais e socioculturais dos participantes, contribuindo com experiências de compartilhamento de sentimentos e reconstrução de significados.

44

**Palavras-chave:** Musicoterapia. Grupos. Interações em Grupo. Revisão sistemática.

---

1 Graduada em Musicoterapia pela UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Foi bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Musicoterapia na Universidade Estadual do Paraná (2018-2019). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0419958850803705> E-mail: fernandapasqual@hotmail.com.

2 Professora do curso de Musicoterapia na UNESPAR Campus II Curitiba - Faculdade de Artes do Paraná. Doutora em Educação (UFPR, 2008) com Pós-doutorado em Educação Musical na McGill University, Canadá (2011). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0536970443232460> E-mail: rose05@uol.com.br.

## COLLECTIVE MUSICAL PRACTICE: A SYSTEMATIC REVIEW OF GROUP MUSIC THERAPY

Fernanda Soares Pasqual  
Rosemyriam Ribeiro dos Santos Cunha

**Abstract:** As a human action collective music making can reveal forms of social and cultural relationship participants establish with the reality of their environment. In music therapy contexts this information is fundamental for the development of social, cognitive and emotional rehabilitation processes. This work is a systematic review which included articles from data bases and other resources to show details of group music therapy publications in the last ten years. 16 articles were selected and data was organized within a table of contents. Results showed group relationship, affective interchange, group dynamics, sonorous and musical aspects, and efficacy of multidisciplinary practices were topics discussed in the selected articles. Music therapy collective music making was considered capable of enhancing participants' cognitive, emotional and cultural domains as well as to contribute to experiences of sharing of feelings and reconstruction of meanings.

**Keywords:** Music Therapy. Groups. Group interventions. Systematic review.

## 1 INTRODUÇÃO

Com potencial de proporcionar conexão e integração, a música é considerada uma arte socializante. Atividades musicais são atividades sociais (SLOBODA, 2008). Os grupos que se reúnem para tocar, dançar e cantar mais do que reafirmar essa prática milenar (STEHMAN, 1964), buscam pelo engajamento em uma ação em comum. A prática musical em grupo é uma atividade humana que envolve aspectos como a estimulação cognitiva, as trocas emocionais e as próprias interações entre os participantes. Todos esses aspectos incidem sobre o desenvolvimento das relações interpessoais.

A atividade musical em grupo, de cunho pedagógico, terapêutico, com finalidades artísticas ou de lazer, mais do que desenvolver habilidades musicais proporciona o estímulo às trocas sociais. De acordo com Cunha (2017), por ser uma atividade essencialmente humana, a prática musical coletiva, repercute nas dimensões afetivas, cognitivas e físico-corporais de seus participantes. Esse fenômeno é de interesse para o campo teórico-prático da musicoterapia, pois sugere a elevação de gradientes do desenvolvimento pessoal e contribui na promoção de saúde, abrangendo aspectos do bem-estar físico e emocional das pessoas envolvidas na ação musical coletiva.

A contextualização histórica do surgimento de grupos, na área da saúde, teve início com reuniões entre médicos e seus pacientes, para conversar sobre doenças (BECHELLI; SANTOS, 2004). Esse modelo de trabalho em práticas grupais se expandiu para o psicodrama, para a saúde mental e para grupos em situação de vulnerabilidade social. Durante a Segunda Guerra Mundial, houve ampliação da demanda populacional que passou a ser atendida também no contexto grupal. Segundo Baranow (1999), a utilização científica da Musicoterapia consolidou-se nesse contexto histórico. As abordagens grupais no campo da Musicoterapia já são relatadas em obras seminais como Gaston (1968), Leinig (1977), Costa (1989).

Atualmente, a realização da Musicoterapia em grupo cresce em instituições e tem acompanhado as mudanças e tendências da contemporaneidade. Na direção da promoção de saúde os grupos musicoterapêuticos se direcionam para o eixo da vida, da realidade

social e das relações interpessoais dos indivíduos (CHAGAS, 2005; DREHER, 2011). Dessa forma, o musicoterapeuta é um profissional atento a questões relacionadas ao grupo, sua dinâmica e seus processos internos (CRAVEIRO DE SÁ; ESPERIDIÃO, 2004).

Embora a prática grupal seja recorrente no campo da musicoterapia, não foram encontrados trabalhos que reúnam informações sobre grupos musicoterapêuticos dos últimos anos. Este trabalho apresenta, em formato de revisão sistemática, um conjunto de dados retirados de artigos sobre musicoterapia em grupo publicados nos últimos dez anos. Espera-se, dessa forma, contribuir para a diminuição dessa lacuna e fortalecer a produção de textos que se direcionam para o espaço de intervenção musicoterapêutica na expressão coletiva.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

As revisões sistemáticas devem ser abrangentes e circunscritas a artigos, constando dos seguintes passos: 1) busca na literatura, 2) seleção de artigos, 3) extração de dados e 4) redação e publicação dos resultados (GALVÃO; PEREIRA, 2014).

Os artigos incluídos nesta revisão foram publicados no período entre os anos de 2008 a 2018, por se considerar esse recorte significativo para mapear o conhecimento sobre a temática em estado atual. A busca foi realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Pubmed/Medline, Education Resources Information Center (Eric), Scientific Electronic Library Online (SciELO), e outras fontes de informação como as revistas Journal of Music Therapy, Perspectives of Music Therapy, Nordic Journal of Music Therapy, Voices, Revista Brasileira de Musicoterapia, InCantare, Revista Música Hodie e na Revista Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas.

Os descritores “Musicoterapia” e “Grupo”, verificados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), foram escolhidos para a busca dos artigos online. Combinações entre os descritores com o uso dos operadores booleanos “AND” e “OR” foram realizadas. A construção dos dados seguiu os passos indicados de Galvão e Pereira (2014) contemplando informações como: ano de publicação, objetivo, participantes, intervenções, instrumentos e resultados.

## 2.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: (1) conter pelo menos um dos descritores no título do artigo publicado (2) estudos publicados entre janeiro de 2008 e outubro de 2018; (3) artigos completos disponíveis para consulta; (4) artigos publicados nos idiomas português e inglês.

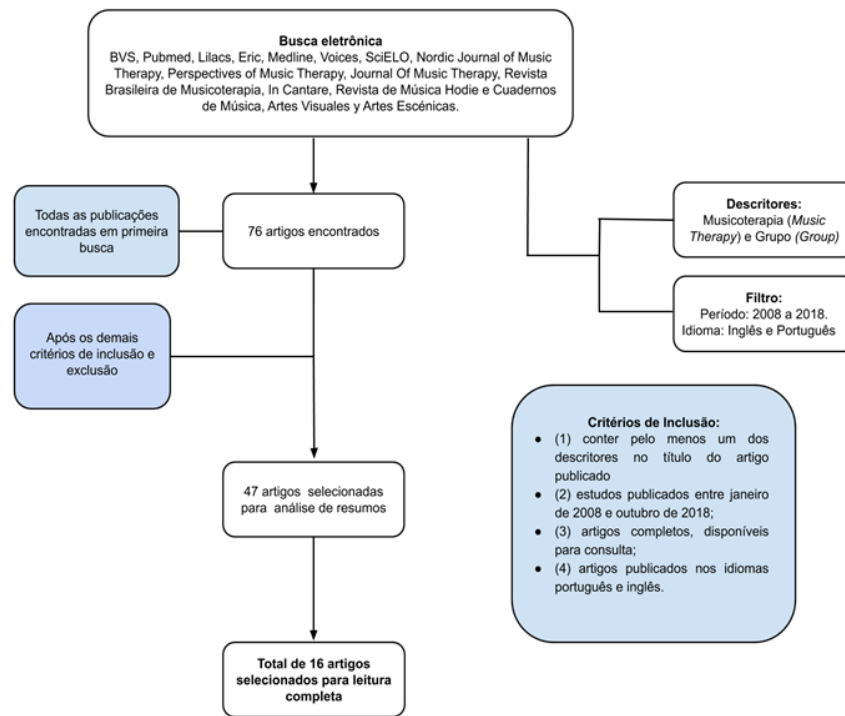
## 2.2 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram considerados os seguintes critérios de exclusão: (1) teses, dissertações e monografias; (2) publicações relacionadas com temática, mas que apresentassem os termos “Musicoterapêutico”, “Musicoterapeutas”, “Experiência Musical”, “Funções Terapêuticas da Música” “Processos Grupais” e “Grupal” nos títulos por não contemplarem os descritores determinados na pesquisa.

## 3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A busca inicial foi feita com base nos títulos dos manuscritos, sendo identificados 76 artigos relevantes para a revisão. Após verificação dos critérios de inclusão, foram eliminados 29 artigos. A segunda etapa da seleção foi realizada sobre os 47 artigos restantes, dos quais 31 disponibilizavam apenas a consulta aos resumos e 16 artigos disponibilizavam o texto na íntegra, sendo esses, considerados para a análise desta revisão. A Figura 1 mostra o fluxograma do processo de busca e seleção dos artigos encontrados nas fontes de informação e as etapas de seleção.

Figura 1 - Fluxograma da busca e seleção dos artigos em etapas



Fonte: PASQUAL; CUNHA, 2020.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa dos artigos relacionados à Musicoterapia e Grupo reuniu publicações de diversos países: sete do Brasil, três do Reino Unido, duas dos Estados Unidos da América, duas do Canadá, uma da Alemanha e uma da Austrália.

As intervenções musicoterapêuticas indicadas nesta literatura ocorreram na área social, educacional, clínica e de saúde mental. As interações foram realizadas em residências terapêuticas, centro de atenção psicossocial, hospitais psiquiátricos, escolas, universidades e espaços abertos em centros comunitários.

Os grupos apresentaram diversidade quanto à faixa etária e organização. Foram encontradas descrições de grupos femininos, masculinos e mistos formados por crianças, adolescentes, adultos ou idosos. As caracterizações grupais englobaram núcleos familiares, adultos e crianças em situação de refúgio e deslocamento social, pacientes diagnosticados em transtornos mentais, adultos em tratamento de dependência química,

crianças diagnosticadas no transtorno do espectro autista (TEA), adultos com déficits de aprendizagem, grupos comunitários de músicos e não músicos interessados na produção musical e grupos intergeracionais.

As temáticas das publicações trataram de relações de grupo, trocas afetivas, dinâmicas grupais, aspectos sonoro-musicais e da eficácia de práticas multidisciplinares. As pesquisas foram conduzidas tanto na abordagem qualitativa como na qualitativa-quantitativa. Foram identificadas sete pesquisas de campo; três estudos de caso, dois relatos de casos, dois estudos experimentais, um ensaio clínico e uma pesquisa-ação.

O tempo de duração dos encontros grupais abrangeu de trinta minutos até três horas, a frequência variou de um a dois atendimentos semanais. Em todos os trabalhos pesquisados foram citadas, pelo menos uma das experiências musicais de Improvisação, Composição, Recriação e Audição (BRUSCIA, 2016). A maioria das intervenções utilizaram duas dessas experiências ou mais. Doze trabalhos foram realizados com a técnica de Recriação Musical, dez com a técnica de Improvisação Musical, seis trabalhos com a técnica de Composição Musical e cinco trabalhos com a técnica de Audição Musical. Em sete de desesseis trabalhos, as intervenções em grupo indicam a mediação de mais de um musicoterapeuta ou de profissionais de outra área como Assistentes Sociais, Fisioterapeutas, Instrutores de Yoga e estudantes de graduação em Musicoterapia.

**Quadro 1 – Artigos selecionados para a revisão temática**

Autor (ano)	População	Intervenção	Instrumentos	Principais achados
White (2009)	n=6 e 4 crianças em grupos mistos em ambiente escolar transitório de até seis semanas de permanência escolar.	<b>Método:</b> Relato de Caso. <b>Duração:</b> 35 semanas, uma sessão semanal de 1h00. <b>Descrição:</b> Utilização de estrutura musical consistente (fixa) para o trabalho com as crianças em transição/mudanças de lares e ambientes educacionais; autonomia em escolhas de instrumentos e inserção de novos instrumentos semanalmente; Técnicas de Recriação Musical e Improvisação Musical.	Folha de registro pós-sessão.	A intervenção revelou apoio emocional e comportamental para crianças em situação de transição doméstica com a Musicoterapia; oportunizou espaço de expressão de sentimentos e auxiliou no acolhimento do próprio ambiente escolar.

<p>Cardoso e Cunha (2011)</p>	<p>Grupo 1 n= 13 homens; 25 a 55 anos. Grupo 2 n= 6 homens; 45 a 55 anos.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de Campo.  <b>Duração:</b> G1: oito semanas, uma sessão semanal de 1h15min. G2: oito semanas, uma sessão semanal de 2h00.  <b>Descrição:</b> Técnica de sistematização de temas emergentes: repertório/gênero musical e ritmo, benefícios e queixas dos dois grupos; Técnicas de Improvisação Musical e Recriação Musical.</p>	<p>Não informado.</p>	<p>O canto, a criação de canções e a execução de instrumentos musicais construíram situações sociais de trocas afetivas e psicossociais saudáveis entre os participantes nos dois grupos. Foi oportunizado o senso de reconhecimento, limites, solidariedade, expressões de ideias e identidade na produção musical. A musicoterapia proporcionou mudanças nos estados emotivos e psíquicos e canalizou tensões para o bem-estar e fruição do grupo, em resposta ao sentido contrário do isolamento social.</p>
<p>Almeida, Zanini, Silva e Santos (2012)</p>	<p>n=11 homens e mulheres; 26 a 48 anos.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de Campo.  <b>Duração:</b> Seis semanas, uma sessão semanal de 1h00 as 1h30min cada.  <b>Descrição:</b> Interações musicais para análise de relações interpessoais entre os participantes, envolvimento e dinâmica do grupo.</p>	<p>Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia; relatórios; filmagens; anotações.</p>	<p>Foi verificada uma relação entre elementos sonoro-musicais e os indivíduos de um grupo com a dinâmica grupal a partir do uso de um protocolo de observações de grupos em musicoterapia. Autores efetivam protocolo criado para a leitura e análise de aspectos importantes do grupo, demonstrando uma nova ferramenta musicoterapêutica.</p>
<p>White (2012)</p>	<p>Crianças diagnosticadas no Transtorno do Espectro Autista; n= não informado.</p>	<p><b>Método:</b> Relato de Caso  <b>Duração:</b> 4 sessões de 30min.  <b>Descrição:</b> Reflexões da prática profissional de uma musicoterapeuta e o relato de projeto de mestrado sobre a relação e comunicação de jovens com autismo entre si em um grupo de musicoterapia. As intervenções descritas foram realizadas com as Técnicas de Improvisação Musical e Composição Musical</p>	<p>Filmagens; folhas de registros pós-sessão.</p>	<p>Através de auto-relato, a autora do artigo conclui que a prática musicoterapêutica com crianças no espectro autista gera modificações comportamentais benéficas na interação social. Em depoimento afirmou que estudar e desenvolver o trabalho de musicoterapia contribuiu para a vida profissional e pessoal como musicista, desenvolvendo maior conscientização dos significados de atividades musicais e o aumento de habilidades de escuta e reflexão nos grupos.</p>
<p>Hessenberg e Schmid (2013)</p>	<p>Crianças, adolescentes e idosos com demência de centro educacional psicoterapêutico; n= não informado.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de Campo.  <b>Duração:</b> Não Informado.  <b>Descrição:</b> Competências sociais, cognitivas e emocionais foram o foco das intervenções com trocas musicais de gêneros, estilos e ritmos entre os participantes; utilização de Técnicas de Improvisação Musical e Recriação Musical.</p>	<p>Não informado.</p>	<p>Observaram-se mudanças positivas no comportamento; sentimento de pertencimento grupal; interação social entre participantes; maior equilíbrio; diminuição de ansiedade; maior concentração e atenção na produção musical, havendo identificação entre os dois grupos. Também foi reforçada a importância de perspectivas teóricas da Musicoterapia Social e Gerontologia.</p>



<p>Gardstrom e Diestelkamp (2013)</p>	<p>n=53 mulheres em tratamento de dependência de álcool</p>	<p><b>Método:</b> Estudo experimental.  <b>Duração:</b> Nove semanas, duas sessões por semana de 45min.  <b>Descrição:</b> Intervenções conduzidas por um musicoterapeuta e dois estudantes de graduação em função de co-terapeutas. Foram utilizadas as Técnicas de Composição Musical, Improvisação Musical, Recriação Musical e Audição Musical com adoção de modelo de árvore de decisão na seleção de experiências musicais.</p>	<p>Escalas visuais de 7 pontos elaboradas pelos autores; mensuração dos níveis de ansiedade pré-sessão e pós-sessão.</p>	<p>Diminuição de ansiedade pós-sessão em 84,6% de mulheres que indicaram ansiedade pré-sessão. Duas mulheres (5,1%) relataram um aumento na ansiedade. Quatro mulheres (10,3%) indicaram o mesmo nível de ansiedade antes e depois da sessão (sem alteração); Indicador mais alto de redução da ansiedade ajudou na exploração e desenvolvimento estratégico para lidar com a dependência química, verificando eficácia da musicoterapia.</p>
<p>Ahonen e Desideri (2014)</p>	<p>Mulheres em situação de refúgio recém-chegadas no país; n= não informado.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de Campo.  <b>Duração:</b> 8 sessões de 1h30min.  <b>Descrição:</b> Musicoterapeutas em função e co-terapeuta conduziram as intervenções; foco na expressão emocional sonora e verbalização ao fim de cada experiência. Foram utilizadas as Técnicas de Audição Musical (com adaptações de variações de imagens guiadas pela música e utilização de cadeiras físico-acústicas); Improvisação Musical, arte, escrita, trabalho em esculturas de barro e técnicas de relaxamento.</p>	<p>Não Informado.</p>	<p>As intervenções musicoterapêuticas em grupo oportunizaram o compartilhamento de histórias pessoais; sentimentos e experiências passadas de reassentamento; emoções difíceis como medo, tristeza, ansiedade, dor, trauma, solidão, culpa e perda.</p>
<p>Grocke et al., (2014)</p>	<p>n=75 participantes randomizados de Musicoterapia em Grupo (GMT) e n=24 participantes não randomizados de cuidados padrão (SC).</p>	<p><b>Método:</b> Experimental.  <b>Duração:</b> 13 semanas.  <b>Descrição:</b> Foram utilizadas as Técnicas de Recriação Musical de canções familiares; Composição Musical gravadas em um estúdio profissional.</p>	<p>Questionário Quality of life – Q-LES-Q-18O resultado primário foi a QV; Escala de auto-relato: Apoio social - ENRICHD; Escala de Auto-Estima the Rosenberg; Escala de auto-relato de bem-estar espiritual para pessoas com câncer e outras doenças crônicas; BSI (Inventário Breve de Sintomas); Entrevista com grupos focais.</p>	<p>A musicoterapia indicou benefícios na qualidade de vida e a autoestima de pessoas com doença mental grave (SMI). Canto e composição de grupo forneceram opções criativas para conexões sociais. A musicoterapia foi considerada como um componente do cuidado holístico para pessoas com SMI. Houve melhora na qualidade de vida durante o GMT, mas sem alteração ou diminuição durante a condição SC.</p>

<p>Cunha (2015)</p>	<p>Grupo 1; n=25 participantes mistos sem conhecimento musical em conjunto vocal com regente. Grupo 2; n=5 alunos integrantes de uma banda instrumental de curso de graduação em música. Grupo 3; n=3 alunos integrantes de conjunto vocal e instrumental de um curso de graduação em música. Grupo 4; n=8 participantes mistos integrantes de conjunto vocal. Grupo 5; n=5 mulheres integrantes de equipe de limpeza de uma universidade, participantes de um grupo de musicoterapia.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de Campo.</p> <p><b>Duração:</b> (G1): duas vezes semanais; (G2): duas a três vezes semanais; (G3): uma vez semanal; (G4): duas vezes semanais; (G5): uma vez semanal.</p> <p><b>Descrição:</b> Intervenção consistiu tematização e agrupamento de dados a partir de semelhanças entre os grupos, construindo clusters analisados na música, nos ganhos e nas trocas das experiências em cada grupo.</p>	<p>Entrevistas.</p>	<p>A performance musical foi indicada como um ponto de aproximação semelhante em todos os grupos. Oportunizou a ampliação do conhecimento musical, do repertório sonoro, o contato e o conhecimento de outros membros no grupo. A proposta colaborou para a diminuição dos níveis de estresse, de inibição e de solidão. Foi gerado um espaço de diálogo e de ganhos em aspectos da sensibilidade e da afetividade dos membros participantes. Houve um diferencial no grupo de musicoterapia em grupo dos outros grupos não terapêuticos a partir dos ganhos obtidos nas interações humanas gerados na vivência musical terapêutica.</p>
<p>Cunha (2016)</p>	<p>n=≅ 30 participantes mistos com diferentes níveis de capacidade cognitiva, motora e sociais em um grupo aberto de Musicoterapia por interesse de participação espontânea.</p>	<p><b>Método:</b> Não Informado</p> <p><b>Duração:</b> 1 sessão mensal.</p> <p><b>Descrição:</b> Foram utilizadas a Técnica de Recriação Musical em grupo intergeracional com comunidade externa, professores musicoterapeutas e estudantes de graduação; Pós-vivências eram analisadas as dimensões culturais, aspectos sociais, emocionais, afetivos e cognitivo com base em observações e descrição das diferenças entre grupos na produção musical coletiva.</p>	<p>Não informado.</p>	<p>Os resultados analisados revelaram potencialidades da Musicoterapia na ação musical coletiva para a transformação de ações sociais no contexto dos indivíduos participantes, ampliação na formação de redes de convivência e solidariedade e promoção de formas positivas de enfrentamento da realidade. Gerou ainda reflexão da prática da musicoterapia na perspectiva sócio comunitária como olhar de aprofundamento da compressão de um processo grupal pela musicoterapeuta.</p>
<p>Clarkson e Killick (2016)</p>	<p>Grupo misto com dificuldades de aprendizagem; sem especificação de faixa etária; n=não informado.</p>	<p><b>Método:</b> Estudo de Caso.</p> <p><b>Duração:</b> Não informado.</p> <p><b>Descrição:</b> Local aberto e comunitário. Foram utilizadas a Técnica de Improvisação Musical e Recriação musical e espaço de diálogo para expressão de sentimentos em interação grupal a partir de elementos sonoro-musicais.</p>	<p>Não informado.</p>	<p>A musicoterapia comunitária gerou resultados como aumento do sentimento de valorização, motivação, auto expressão e confiança dos participantes do grupo.</p>

<p>Gardstrom e Hiller (2016)</p>	<p>Grupo misto de residentes em tratamento de dependência química; faixa etária de 17 a 65 anos; n= 7 a 14 ≃.</p>	<p><b>Método:</b> Estudo de Caso. <b>Duração:</b> 4 a 5 sessões por paciente. <b>Descrição:</b> Foram relatados casos de resistência terapêutica presentes nas quatro técnicas da Musicoterapia durante as intervenções (Recriação, Improvisação, Composição e Audição Musical) e descrição de estratégias musicais e verbais utilizadas durante o processo para contornar resistência, oferecendo sugestões a outros musicoterapeutas a explorar alternativas e objetivos personalizados em grupo.</p>	<p>Não informado.</p>	<p>A implementação de estratégias e técnicas variadas no manejo grupal amenizou a resistência do grupo durante intervenções nas quatro técnicas da Musicoterapia, gerando abertura para a confiança, autoestima e solidariedade entre os membros do grupo, beneficiando o tratamento de dependência química.</p>
<p>Fagnani et al. (2016)</p>	<p>n= 4 homens; n=6 mulheres; acima de 62 anos</p>	<p><b>Método:</b> Ensaio clínico não controlado. <b>Duração:</b> 24 semanas, uma sessão semanal de 3h00. <b>Descrição:</b> Prática em grupo de terapias associadas por fisioterapeuta, instrutor de yoga e musicoterapeuta com exercícios psicomotores, controle de respiração e técnicas de Recriação Musical e Audição Musical aos participantes; testes pré-sessão e 6 meses pós-sessão avaliaram a progressão da doença e aspectos físicos por análises comparativas.</p>	<p>Teste de Wilcoxon (nível de significância de 5%) pré e pós sessão; Escala de Hoehn &amp; Yahr; Teste de Shapiro-Wilk (média e desvio-padrão); Programa SPSS 21 para análise estatística; UPDRS (monitoramento e progressão da doença; auto relato e observação clínica); MEEM (avaliação cognitiva).</p>	<p>Foram constatados resultados significantes entre a avaliação pré-sessão e pós intervenção na progressão da doença (32,5 vs. 28,11), função cognitiva (25,37 vs. 26,50), equilíbrio (50 vs 53,7), mobilidade funcional realizando a marcha como tarefa única (12,42 vs 10,18), adição de tarefa cognitiva (16,25 vs 12,5) e independência funcional (34,5 vs 39). Os resultados sugerem as três modalidades como abordagem de melhora do equilíbrio, mobilidade funcional e capacidade de realização de atividades diárias em pessoas com Doença de Parkinson.</p>
<p>Barbosa, Estanislau e Freire (2017)</p>	<p>n= 8 mulheres e n=10 homens; mães e pais de pessoas diagnosticadas com TEA; faixa etária não especificada.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa ação. <b>Duração:</b> Não informado. <b>Descrição:</b> Não houve intervenção por abandono da terapia. Reflexões e análise com base em anotações das justificativas dos pais para faltas e desistências foram realizadas.</p>	<p>Não informado.</p>	<p>O levantamento de três hipóteses surgiu como resultados para a não adesão ao grupo: dificuldades logísticas/deslocamento, falta de tempo para si mesmo por alta demanda de terapias dos filhos e desinformação do que ocorreria no processo musicoterapêutico.</p>

<p>Cunha (2017)</p>	<p>n= 5 mulheres integrantes da equipe de limpeza de uma universidade; com faixa etária acima de 30 anos.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de campo.  <b>Duração:</b> Oito semanas, uma sessão semanal de 1h30min.  <b>Descrição:</b> Grupo coordenado por uma musicoterapeuta e seis estudantes de graduação. Foram utilizadas Técnicas de Improvisação Musical, Recriação Musical e Audição Musical, duas últimas mencionadas com base nas canções de preferência das participantes ou trazidas pelos estudantes e musicoterapeuta; preenchimento de fichas de observação estruturada para registro de manifestações afetivas, físicas e cognitivas dos participantes durante o trabalho em grupo.</p>	<p>Fichas de Mapas Terapêuticos com categorias pré-selecionadas; e Entrevistas Semi Estruturadas ao final do trabalho.</p>	<p>A musicoterapia estimulou as participantes na interação social, oportunizou a expressão e espontaneidade, proporcionou reflexão sobre sentimentos, papéis, julgamentos, compartilhamentos na relação cultural e social e indicou mudanças positivas nas vidas pessoais das participantes de acordo com entrevistas.</p>
<p>Vaillancourt, Costa, Han e Lipski (2018)</p>	<p>n=13 mulheres voluntárias e n=3 estudantes de pós-graduação co-participantes da pesquisa; 20 a 65 anos.</p>	<p><b>Método:</b> Pesquisa de Campo.  <b>Duração:</b> Dez semanas; uma sessão semanal de 1h30min.  <b>Descrição:</b> Realização de entrevistas individuais para conhecer musicais e canções de preferência dos participantes; aquecimento vocal e físico com exercícios de respiração e acompanhamento no teclado que acalmavam e geraram espaço de confiança e motivação. A técnica de Recriação Musical foi utilizada para cantar canções escolhidas por participantes e musicoterapeutas com partituras.</p>	<p>Entrevistas pré-sessão e pós-sessão.</p>	<p>Entrevistas individuais pré-sessão demonstraram que a principal motivação para participarem de um grupo de canto intergeracional era o sentimento de apreço ao canto. Participantes compartilharam sentirem autoconfiança, inclusão e liberdade no grupo, sendo um espaço confortável, criativo e seguro. Houve aumento da auto expressão, sensação de realização, bem-estar, melhora na respiração e desenvolvimento de novas relações e redes sócio comunitárias. Outros resultados apontaram dificuldades para cantar no idioma francês e inglês e conflitos foram gerados com o estilo/gênero divergente entre participantes.</p>

Para fins de organização, os resultados das pesquisas foram agrupados e apresentados dentro de domínios que aqui englobam aspectos físicos, cognitivos, emocionais, sociais e culturais. Quanto aos aspectos físicos, Hessenberg e Schmid (2013) e Fragnani et al. (2016) constataram crescimento do equilíbrio corporal dos participantes. Vaillancourt et al. (2018) indicou melhora na respiração e Grocke *et al.* (2014) no bem-estar e na qualidade de vida. Foram citados também, resultados significativos na expressão corporal, mobilidade e independência funcional em grupo de pacientes com doença de Parkinson que participaram de sessões integradas de musicoterapia, fisioterapia e yoga (FRAGNANI et al., 2016).

Referente aos aspectos cognitivos, os pesquisadores/as encontraram sinais de aumento na elaboração e processamento de acontecimentos, atenção e concentração durante as produções musicais, ativação da memória e capacidade lógica na resolução de problemas grupais (HESSENBERG; SCHMID, 2013; CUNHA 2016; FRAGNANI et al., 2016).

Os encontros grupais também geraram mudanças no aspecto afetivo por proporcionar apoio emocional (WHITE, 2009), possibilidades de auto expressão, reflexão de sentimentos, aumento dos sentimentos de motivação, realização e valorização pessoal (WHITE, 2009; CLARKSON; KILLICK, 2016; CUNHA, 2017; VAILLANCOURT et al., 2018), solidariedade, canalização de tensões (CARDOSO; CUNHA, 2011), enfrentamento emocional e da realidade social (GARDSTROM; DIESTELKAMP, 2013; CUNHA 2016), diminuição dos níveis de estresse, redução de inibição e solidão. Foi percebida a criação de diálogos, aumento da sensibilidade, afetividade (CUNHA, 2015), autoestima (GROCKE et al., 2014; GARDSTROM E HILLER, 2016), espontaneidade (CUNHA, 2017), diminuição no comportamento resistente durante intervenções em grupos de pacientes com transtornos aditivos (GARDSTROM; HILLER, 2016) e aumento da confiança (CLARKSON; KILLICK, 2016; GARDSTROM; HILLER, 2016; VAILLANCOURT et al., 2018). Houve indicações de redução da ansiedade entre participantes de grupo intergeracional (HESSENBERG; SCHMID, 2013) e de grupo de mulheres com transtornos aditivos (GARDSTROM; DIESTELKAMP, 2013).

Em uma investigação sobre o impacto da musicoterapia analítica em grupo de mulheres refugiadas, Ahonen e Desideri (2014) indicaram possibilidades de expressão de sentimentos como dor, solidão, culpa, medo, tristeza, trauma e perdas.

Diferentes benefícios nos aspectos sociais e culturais foram descritos pelos autores. Entre eles constaram o acolhimento grupal (WHITE, 2009), a construção de novas relações sociais (CARDOSO; CUNHA, 2011; VAILLANCOURT et al., 2018), a identificação de papéis sociais, bem-estar e fruição grupal (CARDOSO; CUNHA, 2011). Houve também a percepção de interação social entre participantes durante a performance e interação sonoro-musical (ALMEIDA *et al.*, 2012; CUNHA, 2017), e o sentimento de pertencimento a um grupo (HESSENBERG; SCHMID, 2013). O compartilhamento de histórias (AHONEN; DESIDERI, 2014), a ampliação das redes de convivência comunitárias (CUNHA, 2016), de criatividade, segurança e liberdade de expressão do grupo (VAILLANCOURT et al., 2018) também foram destacadas.

A música produzida durante as interações mostrou a ampliação do conhecimento musical (CUNHA, 2015) por meio do canto e da composição de canções (CARDOSO; CUNHA, 2011; GROCKE et al., 2014). Vaillancourt et al. (2018) evidenciaram o canto como principal motivação da participação dos membros de um grupo intergeracional.

Barbosa, Estanislau e Freire (2017) estudaram pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista e indicaram três hipóteses para a não adesão a um processo grupal: 1) a alta demanda de terapias dos filhos ocasionando a falta de tempo para cuidados dos pais; 2) as dificuldades no deslocamento e 3) a falta de informação sobre o que ocorreria no processo musicoterapêutico. Gardstrom e Hiller (2014) descreveram os tipos de resistências terapêuticas encontradas em um grupo com transtornos aditivos e estratégias para elaborar essas manifestações na vivência grupal com experiências de improvisação, composição, recriação e audição. Vaillancourt et al. (2018) destacaram a dificuldade dos participantes ao se depararem no grupo com canções em idiomas que não a língua nativa e a geração de conflitos quando ocorrem diferenças nas preferências de estilo e gênero musical dos participantes.

Quanto à formação e aprimoramento técnico do profissional, as práticas realizadas em espaços abertos oportunizaram reflexões sobre a perspectiva sócio comunitária e o aprofundamento da compreensão sobre processos em grupo (CUNHA, 2016) e perspectivas ecológicas (CLARKSON E KILLICK, 2016). Em relato de caso, White (2012) concluiu que a aquisição de habilidades musicais de escuta e reflexão, gerados pela prática da musicoterapia em grupo, foram fatores contribuintes para sua formação profissional como musicoterapeuta. No trabalho de Almeida et al. (2012) foi verificada a relação entre os participantes e os elementos sonoro-musicais com a utilização de um protocolo de observação de grupos em musicoterapia, ferramenta que auxiliou na análise do processo musicoterapêutico.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As publicações aqui revisadas evidenciaram uma ênfase da abordagem qualitativa nas pesquisas selecionadas para esta revisão. A técnica de Recriação Musical se destacou como a mais utilizada nos trabalhos estudados. A especificação das técnicas não constou em todos os trabalhos, porém a natureza das experiências musicoterapêuticas ficou clara em expressões como “cantar canções conhecidas” ou “escutar músicas”, palavras que se referiram às técnicas de recriação e audição, respectivamente.

A respeito da mediação, foi constatada a presença de mais de um musicoterapeuta e de estudantes graduandos da área atuando no manejo dos grupos. Essa composição múltipla de moderadores remete à complexidade da observação e atuação grupal e os possíveis benefícios de uma ação conjunta com a formação de coletivos de profissionais.

Os trabalhos revisados utilizaram instrumentos e técnicas específicas para a obtenção dos dados como entrevistas, escalas, fichas, questionários e protocolos tanto da área da musicoterapia como de outras áreas. Essas estratégias metodológicas contribuem para a confiabilidade da pesquisa musicoterapêutica na medida em que promovem a validação de resultados e o avanço científico do campo.

A revisão aqui apresentada mostrou aspectos da pesquisa e da prática da musicoterapia em grupo. Os resultados indicados nos textos mostraram que profissionais em países diversos usam abordagens e fundamentos teóricos próprios da teoria da

musicoterapia. As práticas musicais coletivas foram indicadas como fatores de fortalecimento de aspectos físicos, cognitivos, emocionais, afetivos, sociais e culturais dos participantes de grupos musicoterapêuticos. Os resultados aqui listados são promissores e revelaram modificações positivas nas relações intragrupo. Espera-se que mais pesquisas sejam realizadas para o reforço e desenvolvimento do tema.

## 6 AGRADECIMENTOS

Expressamos nosso agradecimento à Fundação Araucária de Apoio à Pesquisa do Estado do Paraná e à Universidade Estadual do Paraná pelo financiamento dessa pesquisa.

## 7 REFERÊNCIAS

AHONEN, Heidi; DESIDERI, Antonietta Mongillo. Heroines' journey: emerging story by refugee women during group analytic music therapy. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 14, n. 1, 2014.

ALMEIDA, Talita Faria; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira; SILVA, Ludmila de Castro; SANTOS, Roberta Borges. A relação entre os aspectos sonoro-musicais e a dinâmica do grupo em musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. XIV n.12 p. 39-52, 2012.

BARANOW, Ana V. M. **Musicoterapia: uma visão geral**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARBOSA, Abner. D.; ESTANISLAU, Gabriel.; FREIRE, Marina. H. Grupo de musicoterapia para pais de crianças com transtorno do espectro do autismo: hipóteses para a não adesão. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. XIX p. 185-192, 2017.

BECHELLI, Luiz P.; SANTOS, Manoel A. Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. (En Línea) 2, n.12, 2004: Disponível em: <http://www.eerp.usp.br/rlaenf>. Acesso: 28 de março de 2018.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. 3. Ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

CARDOSO, Leonardo Nascimento; CUNHA, Rosemyriam Ribeiro dos Santos. Trocas Afetivas e Psicossociais em Musicoterapia: Grupos no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia/InCantare*, Curitiba, v. 2, p. 74 – 94, 2011.

CUNHA, Rosemyriam. Performance musical em grupo: musicoterapia, coro e banda. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 273, 2015.

CUNHA, Rosemyriam. Uma perspectiva da atividade musical em grupo: musicoterapia social e comunitária. *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, v. 11, n. 2, 2016.

CUNHA, Rosemyriam. Musicking together: affective, cognitive and physical aspects of a music therapy group work. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 17 n. 2, 2017.



CHAGAS, Marli. Reflexiones sobre sociedad, riesgo e salud. Que será que me dá. In: Salud, Escucha y Creatividade. **Musicoterapia Preventiva e psicossocial**. Pellizari, Patricia; Rodrigues, Ricardo (Org.). Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, p. 151-158, 2005.

CLARKSON, Robert A.; KILLICK, Meta. A bigger picture: community music therapy groups in residential settings for people with learning disabilities. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 16, n. 3, 2016.

COSTA, Clarice Moura. **O despertar para o outro: Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1989.

CUNHA, Rosemyriam. **A prática musical coletiva**. Revista Brasileira de Música. Rio de Janeiro, Escola de Música da UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Música, v.26, n. 2, p. 345-365, Jul/Dez 2013.

CRAVEIRO DE SÁ, Leomara.; ESPERIDIÃO, Elizabeth C. **Dinâmica do Relacionamento Humano: uma experiência interdisciplinar na formação do musicoterapeuta**. Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, IV, 2004, Goiânia. Anais Online. Goiânia: UFG, 2004. Disponível em: < [http://www.anppom.com.br/anais\\_banco.php](http://www.anppom.com.br/anais_banco.php)>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

DREHER, Sofia C. **A musicoterapia e sua inserção nas políticas públicas – análise de uma experiência**. Revista Brasileira de Musicoterapia. Curitiba, nº 11-36, 2011.

FRAGNANI, Samuel G.; SOUSA, Ana S. K.; LOPES, Karolini L.; NERY, Tatyana.; WENER, Emílio.; BEZERRA, Poliana P. Proposta de um programa de prática em grupo composto por fisioterapia, yoga e musicoterapia para pacientes com doença de Parkinson. **Revista Brasileira de Neurologia**, v. 52, n. 3, 2016.

GALVÃO, Taís F.; PEREIRA, Maurício G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 23(1): p. 183-184, 2014.

GASTON, Thayer E. **Tratado de Musicoterapia**. Buenos Aires: Editorial Paidós: 1968.

GARDSTROM, Susan C.; DIESTELKAMP, Wiebke S. Women With Addictions Report Reduced Anxiety After Group Music Therapy: A Quasi-Experimental Study. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 13, n. 2, 2013.

GARDSTROM, Susan C.; HILLER, James. Resistances in group music therapy with women and men with substance use disorders. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 16, n. 3, 2016.

GROCKE, Denise; BLOCH, Sidney.; CASTLE, David.; THOMPSON, Grace.; NEWTON, Richard.; STEWART, Sandra Elisabeth.; GOLD, Christian. **Group music therapy for severe mental illness: a randomized embedded-experimental mixed methods study**. Acta Psychiatr Scand n.130, p. 144–153, 2014.

HESSENBERG, Cornelia; SCHMID, Wolfgang. Sounding Bridges: An Intergenerational Music Therapy Group With Persons With Dementia and Children and Adolescents in Psychiatric Care. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 13, n. 2, 2013.

LEINIG, Clotilde. **Tratado de Musicoterapia**. São Paulo: Sobral, 1977.

SLOBODA, J. A. **A mente musical: psicologia cognitiva da música.** Tradução de Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: Eduel, 2008.

STEHMAN, Jacques. **História da música européia.** Lisboa: Livraria Bertrand, 1964.

VAILLANCOURT, Guylaine.; DA COSTA, Danna.; HAN, Evie Y.; LIPSKI, Gloria. An intergenerational singing group: a community music therapy qualitative research project and graduate student mentoring initiative. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 18, n. 1, 2018.

WHITE, Becky. Hello Music Lady: Have You Brought a New Instrument today? A Music Therapy Group for Children of Families in the UK Armed Forces. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 9, n. 3, 2009.

WHITE, Becky. Personal Reflections on working as a Music Therapist, Music Therapy Groups and Music Making. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 12, n. 2, 2012.